



O processo de construção da notícia no jornal Gazeta do Oeste¹

Jéssica Moura da Silva²

Luana Laise de Araújo³

Michelly Maia Silva⁴

Marcília Luzia Gomes da Costa MENDES⁵

Universidade do Estado do Rio Grande do Norte, Mossoró, RN

RESUMO

O presente artigo tem como principal objetivo rastrear a construção da notícia a partir da visita feita ao jornal Gazeta do Oeste na cidade de Mossoró/RN. Usamos da observação como metodologia da pesquisa, tendo como finalidade comparar tudo que foi observado no jornal com tópicos abordados no livro Teorias da comunicação de Mauro Wolf, também usando algumas teorias abordadas por Traquina em seu livro Teorias do jornalismo: porque as notícias são como são. Aqui procuraremos relacionar as teorias à prática e tentar entender de que maneira essas teorias funcionam. Focaremos também nas escolhas das fontes e como a cultura organizacional da empresa estava impregnada na jornalista desde sempre, apresentando ainda alguns conceitos de noticiabilidade e rotinas jornalísticas.

PALAVRAS-CHAVE: Gatekeeper; Noticiabilidade; Fontes; Rotinas jornalísticas; Gazeta do Oeste.

1 Introdução

Antes de uma análise mais profunda sobre as teorias e a prática observada, é necessário que façamos um breve passeio pela história do jornal em questão. Fundado em 1977, o jornal Gazeta do Oeste tem como seu idealizador o jornalista Canindé Queiroz. Antes mesmo de se tornar um jornal, a empresa fornecia assessoria às prefeituras das regiões próximas, no entanto, o Gazeta do Oeste se tornou um grande jornal, um ápice na carreira de seu fundador.

¹ Trabalho apresentado no DT 1 – Jornalismo do XVII Congresso de Ciências da Comunicação na Região Nordeste realizado de 2 a 4 de julho de 2015.

² Estudante de Graduação 6º. semestre do Curso de Jornalismo da FAFIC-UERN, email: jessica_moura0014@hotmail.com

³ Estudante de Graduação 6º. semestre do Curso de Jornalismo da FAFIC-UERN, email: luana.laise@hotmail.com

⁴ Estudante de Graduação 6º. semestre do Curso de Jornalismo da FAFIC-UERN, email: michelle0.0@hotmail.com.

⁵ Orientador do trabalho. Professor do Curso de Jornalismo da FAFIC-UERN, email: marciliamendes@uol.com.br.



Depois de tomarmos um pouco de conhecimento da história do jornal, podemos dizer que, a partir dos conhecimentos adquiridos em sala de aula, iremos analisar as teorias estudadas dentro deste, de acordo com o que foi visto na visita realizada. Visitamos o jornal no dia 04 de dezembro de 2014, a visita foi feita no período da manhã. Após conhecermos um pouco sobre a história e a rotina de trabalho do jornal. Assim, tomamos conhecimento que no Gazeta do Oeste não há a presença do pauteiro, a pauta é feita pela editora-chefe Luciana Araújo que a deixa disponível no e-mail dos repórteres uma noite anterior ao dia da execução da pauta. Mas nosso principal objetivo foi acompanhar a repórter Jucilene Mendes na execução de sua pauta.

É com base na rotina do jornal, que iremos analisar aqui, o que foi observado na visita, com as teorias apresentadas pelos autores. Se há a presença do gatekeeper no jornal, se há influência da organização no modo como uma pauta é executada, como se dá a relação que o repórter tem com as fontes, ainda analisando as rotinas jornalísticas e critérios de noticiabilidade, falando um pouco sobre a plataforma online que existe dentro do jornal, enfim, procurar entender de que maneira as teorias se manifestam na prática.

2 Gazeta do Oeste e as teorias: gatekeeper e organizacional

A pesquisa sobre os gatekeepers se deu com Kurt Lewin em 1947, seu estudo era voltado a dinâmicas que agem no interior dos grupos sociais que diz respeito à modificação dos hábitos alimentares.

Identificando os “canais” por onde flui a sequência de comportamentos relativos a um determinado tema, Lewin nota que existem neles zonas que podem funcionar como “cancela”, como “porteiro”: o conjunto das forças, antes e depois da zona filtro, é decididamente diferente de tal forma que a passagem, ou o bloqueio, da unidade através de todo o canal, depende, em grande medida, o que acontece na zona filtro. Isso sucede não só com os canais de alimentação, mas também com a sequência de uma informação [...] (WOLF, 2003, p.180).

David Manning White (1950/1993) se inspirou em tal pesquisa, usando as teorias de Lewin, no jornalismo. Podemos dizer que o gatekeeper é aquele quem decide, no caso jornalístico, qual notícia irá passar pelos “portões” depois de ser filtradas de acordo com os critérios de noticiabilidade jornalística. Qual a matéria que deve ser veiculada, a que merece maior importância, a que não merece nenhuma que chega até a ser barrada, vindo a não ser publicada no jornal.



[...] O gatekeeper tem de decidir se vai escolher essa notícia ou não. Se a decisão for positiva, a notícia acaba por passar pelo “portão”; se não for, a sua progressão é impedida, o que na prática significa a sua “morte” porque significa que a notícia não será publicada, pelo menos nesse órgão de informação (TRAQUINA, 2005, p. 150).

Em nossa visita ao Gazeta do Oeste, observamos que essa teoria ainda permanece em vigor, mesmo depois de mais de 60 anos. A editora-chefe Luciana Araújo exerce esse papel. Além de selecionar cada pauta, mesmo sem uma reunião, a editora também escolhe o que vai ser publicado.

Para PENA (2005, s/p) “[...] As decisões do gatekeeper estavam mais influenciadas por critérios profissionais ligados às rotinas de produção da notícia e à eficiência e velocidade (newsmaking) do que por uma avaliação individual de noticiabilidade”. Já para Sousa as notícias não só sofrem influência da produção jornalística nem dos critérios de noticiabilidade, mas também da ação pessoal tanto do gatekeeper como do próprio jornalista.

As notícias têm sempre a marca da ação pessoal de quem as produz, embora temperada por outras forças conformadoras. Ou seja, as notícias são fruto da interação entre a ação pessoal e as demais ações (social, organizacional, ideológica, do meio físico-tecnológico e histórica) (SOUSA, 2002, s/p).

Desta forma sabemos que o jornalista é o primeiro gatekeeper, de fato, a ter o poder de selecionar a informação que será transformada em notícia. Depois passa pelo editor, podendo receber alterações a fim de que a notícia se adeque aos interesses políticos e ideológicos da organização.

É de total conhecimento que toda empresa jornalística obedece a uma ideologia organizacional, no processo de construção da notícia. Essa ideologia defende que o trabalho jornalístico é influenciado por certas políticas editoriais da empresa. A teoria que a defende afirma que um (a) repórter experiente já possui essa ela tão impregnada em si, que não precisa que a empresa o lembre de que lado da história se deve ouvir, quando ele (a) recebe sua pauta já sabe como irá executá-la, quem serão os entrevistados que falarão a seu favor, e os entrevistados que devem ser evitados.

Essa teoria aponta alguns fatores que identificam o conformismo do jornalista com essa política editorial da empresa. Warren Breed (1955/1993), o estudioso dessa teoria, defende que como muitos jornalistas almejam alcançar algum cargo de relevo dentro da empresa, concordam com essa orientação política da instituição. “Os jornalistas concordavam



em que lutar contra a orientação da política editorial do jornal constituía um grande obstáculo para os avanços na carreira” (TRAQUINA, 2005, p. 154).

Outro fator responsável por esse conformismo é que o repórter acredita que obter mais notícias tem mais valor, ao invés de perder tempo questionando algumas regras da empresa.

As notícias são o valor máximo [...] são desafio constante. Assim, o jornalista investe na realização desse objetivo: obter mais notícias e não contestar a política editorial da empresa. É preciso ir em busca das notícias; é preciso vencer a hora de fechamento; assim a harmonia entre os jornalistas e a direção é cimentada pelos seus interesses comuns pela notícia (TRAQUINA, 2005, p.155).

Além disso, os jornalistas sabem que os seus superiores possuem poder e controle dentro da redação e aquele que preza por sua profissão procura de imediato antecipar as expectativas desses, a fim de que, o seu texto não seja mudado ou mesmo barrado.

O jornalista tem que antecipar às expectativas dos seus superiores para evitar os retoques dos seus textos e as reprimendas – dois meios que fazem parte do sistema de controle, e que podem ter efeitos sobre a manutenção ou não do seu lugar, a escolha das suas tarefas, e a sua promoção – quer dizer, nada menos do que a sua carreira profissional (TRAQUINA, 2005, p. 158).

3 As *routines* produtivas e os critérios de noticiabilidade

O trabalho no Gazeta do Oeste começa cedo e todos os funcionários contribuem para que os fatos sejam apurados de forma rápida e produtiva, sem perda de muito tempo e recursos, resultando na realização da *routines* produtivas.

Para isso, de acordo com Wolf (2003), existem fases importantes na “produção informativa quotidiana, ou seja, aquelas que podem encontrar-se em todos os órgãos de comunicação e que mais incidem na qualidade de informação.”. Estas fases são divididas em três: recolha, seleção e apresentação.

A recolha envolve uma série de procedimentos, existe uma preocupação em deter materiais importantes para a produção da notícia. E desde o início deste processo os valores notícia são relevantes. Porém, atualmente nem sempre é o jornalista que vai atrás do acontecimento, em muitos casos a informação chega até ele. “A fase de recolha dos materiais noticiáveis é influenciada pela necessidade de se ter um fluxo constante e seguro de notícias, de modo a conseguir-se sempre executar o produto exigido.” (WOLF, 2003, p. 220).

Após a recolha, a seleção do material levantado é um processo em que notícias importantes, relevantes e até exclusivas são avaliadas. A partir de critérios analisados há informações que são selecionadas e outras que não são.



Por outras palavras, não se deve descrever a seleção apenas como uma escolha subjetiva do jornalista, mesmo que seja, profissionalmente, motivada; é necessário vê-la como um processo complexo, que se desenrola ao longo de todo o ciclo de trabalho, realizado a instâncias diferentes – desde as fontes até o simples redator – e com motivações que não são todas imediatamente imputáveis à necessidade direta de escolher as notícias a transmitir (WOLF, 2003, p. 241).

Na fase de apresentação existe uma edição das informações durante o processo produtivo da notícia. Enquanto nas duas primeiras fases há uma descontextualização dos fatos, na última há, como descreve Wolf (2003), uma recontextualização dos acontecimentos, porém dentro do formato do noticiário.

Como muitos jornais, tanto impressos quanto televisivos, o Gazeta do Oeste também apresenta suas notícias seguindo regras já impregnadas por conta de sua cultura organizacional, assim podendo afetar e transformar uma informação. Mas este é um processo feito dentro da empresa que não chega ao conhecimento do público, como explica Wolf (2003, p. 244): “O processo de tratamento não pode ser explicado nos noticiários; se o fosse, destruiria a convicção que o público tem de que a pretensão do órgão de informação não é criar as notícias, mas apenas relatá-las”.

Durante o processo de seleção e produção da notícia são levados em conta critérios considerados relevantes e importantes de um acontecimento. Em todo meio de comunicação esses critérios são aproveitados e utilizados para tornar a informação atrativa e necessária. Segundo Wolf:

[...] A noticiabilidade corresponde ao conjunto de critérios, operações e instrumentos com os quais os órgãos de informação enfrentam a tarefa de escolher, quotidianamente, de entre um número imprevisível e indefinido de fatos, uma quantidade finita e tendencialmente estável de notícias (WOLF, 2003, p. 190).

Acompanhando o jornal Gazeta do Oeste e notamos a importância destes critérios na hora da apuração e escolha de um acontecimento que será noticiado. Ele, como outros meios de comunicação da cidade, dá relevância para fatos cotidianos e corriqueiros na vida dos mossoroenses e que, entretanto, poderão ser essenciais para a população. "Estabelece-se, assim, um conjunto de critérios, de relevância que definem a noticiabilidade (newsworthiness) de cada acontecimento, isto é, a sua “aptidão” para ser transformado em notícia." (WOLF, 2003, p. 189).



Os valores-notícia, que são componentes da noticiabilidade, são definidos como critérios de seleção e relevância de um acontecimento. Eles entram em ação determinando que informação será transformada em notícia e por fim veiculada.

Mas também é de conhecimento que muitas informações antes de virarem notícia precisam ser avaliadas, passando por portões, e acabando assim indo de acordo com a cultura organizacional da empresa e até mesmo do ponto de vista dos profissionais do jornalismo, como explica Wolf:

A noticiabilidade é constituída pelo conjunto de requisitos que se exigem dos acontecimentos – do ponto de vista da estrutura do trabalho nos órgãos de informação e do ponto de vista do profissionalismo dos jornalistas – para adquirirem a existência pública de notícias. Tudo o que não corresponde a esses requisitos é “excluído”, por não ser adequado às rotinas produtivas e aos cânones da cultura profissional. Não adquirindo o estatuto de notícia, permanece simplesmente um acontecimento que se perde entre a “matériapríma” que o órgão de informação não consegue transformar e que, por conseguinte, não irá fazer parte dos acontecimentos do mundo adquiridos pelo público através das comunicações de massa (WOLF, 2003, p. 190).

4 Relação da jornalista com as fontes

Uma matéria jornalística é realizada em sua grande maioria pela contribuição das fontes que relatam de que forma a história aconteceu. Essas fontes podem ser de instituições ou de personagens que testemunham ou tem participação em algum evento que seja do interesse do repórter. “É tarefa comum dos repórteres selecionar e questionar essas fontes, colher dados e depoimentos, situá-los em algum contexto e processá-los segundo técnicas jornalísticas” (LAGE, 2001, p. 49).

A grande tarefa do repórter é saber lidar com as fontes, selecioná-las e filtrar o que essas têm a dizer, quer dizer, procurar saber se o material fornecido por elas é credível ou não.

[...] As fontes devem ser tão credíveis que a informação fornecida exija o mínimo de controle. Caso contrário, a notícia teria de ser verificada a partir de, pelo menos, duas fontes diferentes, mas se a informação puder ser explicitamente atribuída a uma única fonte, o problema da credibilidade passa do jornalista para a fonte explicitamente citada da notícia (WOLF, 2003, p. 225).

Ao observamos a repórter em questão, notamos que a quantidade de fontes entrevistadas foi muito grande. No entanto, percebemos que não havia variação na escolha destas, as fontes se resumiam a pessoas idosas, que sempre relatavam a mesma coisa, a

insatisfação para com o transporte público da cidade. O que beneficiava bastante a repórter, pois o que queria era transparecer essa insatisfação em sua reportagem. Segundo Wolf (2003, p. 224): “É possível tentar especificar as causas da „distorção“ da estrutura das fontes, isto é, as razões que, a múltiplos níveis, preferem sistematicamente umas fontes e, constantemente, preterem outras”.

Também foi observado que a repórter, antes de questionar o entrevistado sobre o tema a ser abordado, conversava com a fonte escolhida, pode-se dizer que para descobrir se aquele personagem teria uma história boa para contar, ou para saber se tais pessoas iriam declarar o que a matéria exigia. Segundo Traquina (2005), as notícias são como um processo interativo onde o repórter e as fontes estão em negociação constante. Molotch e Lester (1974/1993) falam de três categorias que compõem o trabalho jornalístico, que são: os *promotores de notícias* que, de acordo com Traquina (2005, p. 184), são “definidos como aqueles indivíduos e os seus associados que identificam [...] uma ocorrência como especial”, no caso do Gazeta a editora-chefe. Os *new assemblers* (jornalistas), o profissional que transforma fatos cotidianos em acontecimentos perceptíveis aos olhos da população, mais precisamente o jornalista. E os *consumidores de notícias*, aqueles que consomem as ocorrências que são publicitadas pelos *new assemblers*, esses consumidores é a população.

Segundo Molotch e Lester entre os promotores das notícias existe uma distinção entre o “executor” e o “informador”. “O „executor“ é esse que faz o acontecimento, e participa deste, o „informador“ é esse que não participou do, mas assume o papel de informar os media sobre a existência do acontecimento” (TRAQUINA, 2005, p. 185). Traquina aborda em seu livro que existem “interesses na promoção de certas ocorrências ou na prevenção de certas ocorrências se tornarem acontecimentos públicos, e a intencionalidade que está por trás de uma parte significativa de acontecimentos” (TRAQUINA, 2005, p. 186).

Por fim, a jornalista em questão usou de fontes testemunhais que são fontes que testemunharam ou participaram de algum modo da história que o repórter precisa relatar. E as fontes oficiosas que são relatos de pessoas que geralmente expressam interesses particulares de uma instituição. Essas oferecem de acordo com Wolf (2003, p. 225) “[...] materiais suficientes para se fazer a notícia, permitindo, assim, que os órgãos de informação não tenham de recorrer a demasiadas fontes para obterem os dados ou elementos necessários”.

A busca pelas fontes pela repórter foi algo improvisado, já que ao sair da empresa não havia nada programado. As fontes testemunhais ficaram a critério da jornalista, enquanto a única fonte oficiosa ficou a critério de escolha da editora Luciana Araújo.

5 Gazeta do Oeste e a plataforma online

Com a popularização da internet em fins dos anos 1990 e sua disponibilização para uma grande quantidade de pessoas, com o livre acesso destas nas redes é crescente o acesso da população a este suporte. Desta maneira, é cada vez mais comum vermos uma versão dos grandes jornais em seu suporte online, neste caso, há uma convergência na plataforma do jornal impresso, as notícias dos grandes jornais estão cada vez mais entrando no mundo virtual.

Por convergência, refiro-me ao fluxo de conteúdos através de múltiplos suportes midiáticos, à cooperação entre múltiplos mercados midiáticos e ao comportamento migratório dos públicos dos meios de comunicação, que vão a quase qualquer parte em busca das experiências de entretenimento que desejam. Convergência é uma palavra que consegue definir transformações tecnológicas, mercadológicas, culturais e sociais, dependendo de quem está falando e do que imaginam estar falando (JENKINS, 2009, p. 29).

Sant'Anna em sua pesquisa sobre o destino do jornal retrata a internet como um meio "infinito" de obter informações, sendo este mais ágil e prático. "É um banco de dados, uma „janela aberta para obter informações e notícias de qualquer parte do mundo. Ao mesmo tempo em que dá a notícia em „tempo real“." (SANT'ANNA, 2008, p. 67).

Em tempos de convergência das mídias, o jornal Gazeta do Oeste trabalha tanto com o impresso quanto o *online*. Muitas matérias que não são publicadas no impresso acabam sendo veiculadas pelo site do jornal. Como foi o caso da matéria produzida pela jornalista que acompanhamos Jucilene Mendes, sobre os transportes da cidade de Mossoró que só saiu no jornal *online* da organização.

Ao serem publicadas na web, a notícia chega de forma mais rápida, "[...] a atualização das notícias pode ocorrer ininterruptamente. Já não é preciso esperar o jornal de amanhã ou o noticiário da noite. Em qualquer momento é possível acessar um *webjornal* e ler as notícias de interesse atualizadas." (MIELNICZUK, 2001, p. 5).

A internet também dispõe de interatividade e hipertextualidade, em que leitores podem fazer comentários e dar sugestões, fazendo com que se sintam parte do processo, e ter acesso a outros textos relacionados ao assunto consultado.

Da mesma forma foi observado que, ao longo do processo de produção da notícia, a internet serviu como auxílio de apuração de informações e um melhor aprofundamento sobre o assunto tratado pela jornalista. A internet, portanto, serve de ferramenta de apoio para os profissionais durante a construção da notícia.

Segundo Mielniczuk (2001, p. 1): "Diferentes nomenclaturas têm sido utilizadas para designar este recente tipo de prática jornalística. Por exemplo, alguns dos termos encontrados são ciberjornalismo, jornalismo eletrônico, jornalismo online, jornalismo digital, jornalismo hipertextual".

Apesar de muitos acreditarem que está havendo mudanças e que o próprio Gazeta está se transformando, possuindo uma equipe dedicada apenas ao site do Gazeta, tendo em vista



uma transição do impresso para o online, o jornal mossoroense tem um investimento maior no impresso, pois ainda são poucas as pessoas que acreditam no material online. Sant’Anna (2008, p. 73) relata em sua pesquisa que o jornal impresso é um “meio de comunicação mais completo, o que vai mais fundo, o que é investigativo”. Assim, por o jornal impresso passar mais credibilidade ao leitor, ele ainda é preferível por muitos. Além disso, os grandes anunciantes ainda preferem fazer publicações no impresso ao invés em sites na internet.

6 Considerações finais

Como foi proposto inicialmente, o principal objetivo deste artigo foi relacionar as teorias que foram vistas em sala de aula, com a prática jornalística observada no jornal mossoroense. Como vimos no decorrer desse artigo, as teorias estudadas há mais de 60 anos permanecem em vigor até nos dias atuais. As rotinas jornalísticas permanecem praticamente as mesmas, mesmo que com o tempo, algo ainda mude, mas a essência continua.

É evidente em cada tópico aqui abordado a influência da teoria na prática, que cada processo da rotina do jornal analisado conversa com as teorias jornalísticas. Como a presença do gatekeeper, onde a editora-chefe decide praticamente tudo o que deveria conter na reportagem, onde a matéria jornalística já sai com um viés da redação. O Gazeta também apresentou seus critérios de noticiabilidade quando, ao invés de publicar a matéria sobre o transporte público na edição impressa, a substituiu por outra que exibiu um perfil mais atraente.

Foi observado também que o jornal, acompanhando a atualidade, também passa por um processo de convergência midiática, ou seja, a transição do suporte impresso para o online, no entanto, nada que ponha a edição impressa em risco, já que, há grande resistência, de todos os lados, à convergência total.

Com isso, pudemos perceber que há um processo relativamente grande na construção da notícia que vai a nossa casa diariamente. Os acontecimentos não estão no jornal sem nenhuma intenção, existe uma zona chamada filtro, por onde todos os dias, uma quantidade de notícias passa, para poder chegar ao público. E neste processo, existem intenções, tanto de editores, jornalistas, fontes e interesse público. O processo de construção da notícia é algo complexo, que depois de muitos estudos não se tem uma conclusão exata para definir o porquê de as notícias serem como são, nem como definir exatamente como aquele acontecimento ganha espaço no jornal e o outro não.

Referências bibliográficas

JENKIS, Henri. **Cultura da convergência**. Trad. Susana Alexandria. 2ª ed. São Paulo: Aleph, 2008.

LAGE, Nilson. **A reportagem: teoria e técnica de entrevista e pesquisa jornalística**. Rio de Janeiro: Record, 2001.

MIELNICZUK, L. **Características e implicações do jornalismo na Web**. Disponível em: <http://www.facom.ufba.br/jol/pdf/2001_mielniczuk_caracteristicasimplicacoes.pdf>. Acesso em: 21 de jan. 2015.



SANT'ANNA, Lourival. **Destino do jornal**. Rio de Janeiro: Record, 2008. PENA, Felipe. **Teoria do Jornalismo**. São Paulo: Contexto, 2005.

SENA, João. **Jornalismo e poder político**: o jornal gazeta do oeste entra na campanha de 2008 para a prefeitura de Mossoró-RN, sem meias palavras. Mossoró, 2011.

SHOEMAKER, Pamela J., VOS, Tim P. **Teoria do gatekeeping: seleção e construção da notícia**. Porto Alegre: Penso, 2011.

SOUZA, Jorge Pedro. **Teorias da Notícia e do Jornalismo**. Chapecó: Argos, 2002.

TRAQUINA, Nelson. **Teorias do jornalismo: porque as notícias são como são**. Florianópolis: Insular, 2. Ed., 2005.

WOLF, Mauro. **Teoria da comunicação**. Lisboa: Presença, 8. Ed., 2003.